

INTERFACES ENTRE A DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO E O TRABALHO DE CUIDADO: IMPACTOS NA SAÚDE DE AUXILIARES DE COZINHA DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA DO NORTE DO PARANÁ

Maria Laura Motta da Silva (PIBIC/CNPq/FA/UEM), Guilherme Elias da Silva (Orientador), Daniele Almeida Duarte (Co-orientadora). E-mail: mottalau.silva@gmail.com

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Maringá, PR.

Área e subárea do conhecimento: Psicologia/Psicologia do Trabalho.

Palavras-chave: Trabalho feminino; Precarização; Psicodinâmica do Trabalho.

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo investigar as interfaces entre a divisão social e sexual do trabalho e o trabalho de cuidado, de modo a compreender como tais noções impactam a saúde de auxiliares de cozinha e cozinheiras em campo institucional público. Para isso, este estudo consistiu, primeiramente, em conceituar a definição de divisão sexual do trabalho com base em autoras dos estudos feministas. Em seguida, foi apresentada a relação entre mulheres e o trabalho de cuidado na nossa contemporaneidade. Posteriormente, discutiu-se a compreensão de saúde-doença a partir do referencial teórico-metodológico da Psicodinâmica do Trabalho (PdT). Participaram do estudo cinco trabalhadoras, que por meio de entrevistas semiestruturadas e fotonarrativas compartilharam suas vivências laborais cotidianas. A análise dos dados coletados se deu pela PdT e pela técnica da Análise de Núcleos de Sentido (ANS), resultando na formação de dois macro núcleos de sentido: a “Terceirização e precarização feminina: organização, condições e relações de trabalho” e “Estratégias defensivas e mobilização subjetiva no trabalho feminino: (des)caminhos para o reconhecimento”. Compreendeu-se que a terceirização é uma modalidade de precarização que implica na fragilização e vulnerabilização das condições e relações do trabalho feminino, sendo diretamente atrelada aos processos de saúde-doença das auxiliares de cozinha e cozinheiras. Ademais, concluiu-se que as estratégias defensivas estão a serviço tanto da minimização da percepção do sofrimento das trabalhadoras em relação ao próprio trabalho quanto dos interesses de produtividade impostos pela organização do trabalho.

INTRODUÇÃO

A divisão social e sexual do trabalho define-se como um processo, sujeito às modificações sociais e históricas, que consiste em uma divisão de trabalho decorrente das relações sociais entre os gêneros. Por influência disso, as mulheres

são designadas inerentemente à esfera reprodutiva, enquanto aos homens são atribuídas atividades da esfera produtiva, representando cargos de maior prestígio social no mundo do trabalho. Partindo desse conceito é possível avistar a construção coletiva da invisibilidade da atividade doméstica e da naturalização dessa responsabilidade às mulheres, possibilitando estreitar ainda mais as reflexões em relação à concepção da atividade de cuidado (Hirata; Kergoat, 2007). O trabalho de cuidado contempla diversas formas de cuidar, como através do ato de limpar, organizar, cozinhar, servir, alimentar, entre outros. No que diz respeito às atividades profissionais de alimentação, estas são majoritariamente ocupadas por mulheres e um dos setores de trabalho mais atravessados pela precarização laboral – sobretudo pela terceirização (Furno; Gomes, 2015). Considerando que os serviços de cuidado e, especialmente, as atividades de cozinhar são atribuídos majoritariamente ao gênero feminino, a presente pesquisa visou abordar as interfaces entre a divisão sexual do trabalho e o trabalho de cuidado, com a finalidade de compreender seus impactos à saúde de auxiliares de cozinha e de cozinheiras de uma universidade pública do Norte do Paraná.

MATERIAIS E MÉTODOS

O estudo diz respeito a uma pesquisa qualitativa que consistiu, primeiramente, em um levantamento bibliográfico sobre as temáticas da divisão sexual do trabalho e trabalho de cuidado. Em seguida, foi feita uma pesquisa de campo com objetivo de compreender as vivências das trabalhadoras em meio institucional público. Para isso, duas técnicas de coleta de dados foram utilizadas: a entrevista semiestruturada e a fotonarrativa. A primeira trata-se de uma conversa na qual são feitas perguntas fechadas e abertas, permitindo que cada entrevistada discorra acerca da temática em questão (Minayo, 2014). A segunda, por sua vez, teve finalidade de registrar as experiências das participantes visando a produção de reflexão, percepção e de discursos, de modo a resgatar uma dimensão intersubjetiva e provocar mobilizações de ressignificação relacionadas às vivências das trabalhadoras. Posteriormente, a organização dos dados se deu por meio da técnica de Análise de Núcleos de Sentido (ANS). A partir da sistematização do material de campo formaram-se dois macro núcleos de sentido, a saber: “Terceirização e precarização feminina: organização, condições e relações de trabalho” e “Estratégias defensivas e mobilização subjetiva no trabalho feminino: (des)caminhos para o reconhecimento”. A análise se fundamentou no referencial teórico-metodológico da Psicodinâmica do Trabalho (PdT), em intersecção com estudos sobre divisão social e sexual do trabalho. Vale salientar que o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (COPEP) da Universidade Estadual de Maringá (UEM) aprovou a realização dessa pesquisa sob o parecer 6.913.261, inscrito no Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) n. 80153224.0.0000.0104.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na primeira macro categoria de análise, “Terceirização e precarização feminina: organização, condições e relações de trabalho”, evidenciou-se como o fenômeno da terceirização é uma modalidade de contratação que, atravessado pela divisão social e sexual do trabalho, incide diretamente nos processos intersubjetivos das trabalhadoras auxiliares de cozinha e cozinheiras. Em termos de organização do trabalho, foi possível depreender que as trabalhadoras detêm amplo conhecimento a respeito de suas atividades laborais (como as prescrições e normas que regem seus trabalhos), demonstrando não somente uma destreza corporal, mas um engajamento subjetivo e uma evidente inteligência no próprio saber-fazer – amparada na experiência construída no/pelo ofício. Apesar das prescrições da organização, notou-se que os processos laborais executados pelas participantes são indissociáveis da precarização das condições e relações de trabalho – que são marcadas pela terceirização –, o que evidencia um conflito do trabalho prescrito com o trabalho real na organização. Sobre isso, tal conflito – estabelecido entre o mundo interno e externo da trabalhadora – é responsável por intervir na subjetividade do indivíduo, de forma a se tornar um grande potencial causador de sofrimento (Heloani; Lancman, 2004). Nesse sentido, enquanto modalidade de precarização, a terceirização age como produtora de sofrimento e adoecimento no trabalho, na medida em que provoca e intensifica a fragilização das relações, produzindo efeitos preocupantes nos laços intersubjetivos, nas constituições de identidade e sentido do sujeito, e, por conseguinte, no não-reconhecimento de si e do outro nas organizações.

Na segunda categoria, “Estratégias defensivas e mobilização subjetiva no trabalho feminino: (des)caminhos para o reconhecimento”, foi possível apreender algumas estratégias defensivas engendradas pelas trabalhadoras. As estratégias de defesa agem como minimizadoras da percepção do sofrimento, contribuindo para a permanência do sujeito na organização do trabalho. Segundo Molinier (2004), as defesas escancaram um caráter sexuado, sendo determinadas pelas relações sociais entre os gêneros. No caso das trabalhadoras, foram identificadas duas estratégias defensivas frequentes: a mulheridade e a resignação. A primeira está atrelada ao sentimento de compaixão (comum ao trabalho de cuidado), que age como um criador de sentido que sustenta a relação das trabalhadoras com o próprio ofício. A segunda está associada ao ressentimento frente à falta de reconhecimento no trabalho. Se as estratégias defensivas são perpassadas tanto pela divisão sexual do trabalho quanto pelos processos de precarização e terceirização, pode-se observar que com as mobilizações subjetivas não se faz diferente. Uma vez que dependem do reconhecimento para se sustentarem, as mobilizações subjetivas das trabalhadoras possuem um caráter ambivalente e isso decorre da diferença de contratação imposta pela terceirização, responsável por fragmentar os laços interpessoais e tornar a organização um lugar propício à alienação da pessoa trabalhadora. Dessa forma, o trabalho das cozinheiras e auxiliares de cozinha e seus processos intersubjetivos – prazer e sofrimento, sentido e reconhecimento, estratégias defensivas e mobilização subjetiva – se defrontam com a divisão social e sexual do trabalho e a precarização do mundo laboral.

CONCLUSÕES

A pesquisa concluiu que a terceirização e a divisão social e sexual do trabalho são fatores decisivos na produção de sofrimento das auxiliares de cozinha e cozinheiras, determinando a forma como as trabalhadoras constituem suas estratégias defensivas e mobilizações subjetivas. Além de servir aos processos subjetivos das trabalhadoras, as estratégias defensivas engendradas servem, sobretudo, aos interesses de produção da organização do trabalho. Por fim, evidenciou-se que tais processos intersubjetivos são indissociáveis da noção de reconhecimento, o que escancara como o julgamento do outro tem poder na constituição de identidade, sentido e prazer no trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço as participantes da pesquisa, que tornaram possível a realização dela; os meus orientadores, com quem aprendi tanto nessa trajetória; e a agência de fomento Fundação Araucária, que me deu a oportunidade de realizar esse estudo.

REFERÊNCIAS

FURNO, J. C.; GOMES, B. P. O gênero da terceirização. **Em Tese**, Florianópolis, v. 12, n. 1, jan./jul. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/1806-5023.2015v12n1p207>. Acesso em: 24 ago. 2025.

HELOANI, R; LANCMAN, S. Psicodinâmica do trabalho: o método clínico de intervenção e investigação. **Revista Produção**, v. 14, n. 3, p. 77-86, set./dez. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prod/a/M58nPpDtHKLhT7pGqZwmGZG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 24 ago. 2025.

HIRATA, H.; KERGOAT, D. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/cCztcWVvvtWGDvFqRmdsBWQ/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 24 ago. 2025.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14 ed. São Paulo: Hucitec Editora, 2014.

MOLINIER, P. Psicodinâmica do trabalho e relações sociais de sexo: um itinerário interdisciplinar. 1988-2002. **Revista Produção**, v. 14, n. 3, p. 14-26, set./dez. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prod/a/4WDd8LxFrB3yYLczWySK8Mq/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 24 ago. 2025.